

PLATAFORMIZAÇÃO DOS AFETOS: RECEPÇÃO ALGORÍTMICA E DATAFICAÇÃO EM COMUNIDADES DIGITAIS¹

Fátima Regis²

Raquel Evangelista³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

A plataforma da cultura redesenha a produção e circulação simbólica ao acoplar camadas opacas de cálculo algorítmico. Este trabalho examina como agentes sintéticos baseados em IA generativa (IAG) intensificam tal dinâmica ao mediar afetos e sentidos em comunidades on-line, ampliando o que Couldry e Mejias (2019) chamam de datificação da vida social. O debate teórico articula a virada afetiva que desloca a ênfase da cognição para regimes sensíveis (Regis, 2022; Massumi, 1995, 2002; Grusin, 2015) e a crítica às mediações algorítmicas e à economia de plataformas (Gillespie, 2014; Bucher, 2018; Noble, 2018). Argumentamos que a recepção de conteúdos gerados por IAGs produz um “circuito afetivo-computacional” no qual sentimentos de confiança, estranhamento e empatia são continuamente registrados, retroalimentados e monetizados.

Palavra-chave: plataforma; cultura digital; virada afetiva; mediações algorítmicas.

Introdução

A plataforma da cultura intensifica a lógica da datificação ao acoplar camadas opacas de cálculo algorítmico às práticas cotidianas de mediação. Nesse cenário, agentes sintéticos baseados em IAG tornam-se operadores de um processo que chamamos de plataforma dos afetos: emoções como confiança, estranhamento ou empatia são capturadas, retroalimentadas e monetizadas, convertendo-se em dados de alto valor para as plataformas. A literatura brasileira ainda carece de um arcabouço que explique esse fenômeno. Grande parte dos estudos permanece ancorada em categorias cognitivo-discursivas e, por isso, negligencia a contribuição da virada afetiva (Massumi, 1995, 2002; Grusin, 2015; Regis, 2022) para compreender como o sentimento antecede e molda a interpretação de respostas algorítmicas. Temos, portanto, uma lacuna teórica.

A segunda lacuna é metodológica. Questionários pós-uso, entrevistas breves e análises de interface não alcançam as intensidades pré-cognitivas que emergem quando os usuários “conversam” com algoritmos. Para responder a ambas as lacunas, este

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologia e Culturas Digitais, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Associada na Faculdade de Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UERJ. e-mail: fatimaregisoliveira@gmail.com.

³ Professora Adjunta na Faculdade de Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UERJ. e-mail: raquel.lobao@uerj.br.

trabalho faz parte de uma pesquisa maior estruturada em três etapas complementares: (1) um experimento controlado com *prompts* padronizados e registro multimodal das micro-reações dos participantes; (2) a quantificação desses dados comportamentais por meio de escalas afetivas e reconhecimento facial; (3) uma etnografia digital passiva de 600 postagens em *subreddits* sobre IAG já coletada e pronta para análise. O presente artigo corresponde à primeira parte desse plano: apresenta o debate conceitual sobre a plataformização dos afetos e descreve o desenho experimental que fornecerá, nas fases seguintes, parâmetros empíricos para cotejo com as narrativas on-line.

O objetivo geral é propor um modelo teórico de análise centrado nos afetos, capaz de explicar como a simulação de intencionalidade das IAG reconfigura a confiança e a credibilidade em ambientes plataformizados. Ao integrar virada afetiva, crítica às mediações algorítmicas e tradição latino-americana de recepção, o estudo renova a agenda do campo, oferecendo instrumentos conceituais e metodológicos para compreender a experiência midiática contemporânea na região.

Cabe ainda observar que a rápida difusão de grandes modelos de linguagem e de imagem reposiciona o fenômeno da recepção: não interagimos apenas com textos ou programas, mas com agentes sintéticos que emulam personalidade, intenção e empatia. Levantamento recente mostra que, no Brasil, estudos sobre ChatGPT e congêneres concentram-se em análises de conteúdo ou *surveys* pós-uso, raramente investigando como os corpos sentem e negociam sentido em tempo real.

A base teórica deste estudo apoia-se na virada afetiva que desloca o olhar da cognição para as intensidades pré-discursivas que atravessam corpo, ambiente e signo. Autores como Massumi (1995; 2002) e Grusin (2015) demonstram que, antes mesmo de qualquer interpretação consciente, já circula um fluxo de excitações que orienta a forma como algo será sentido, compreendido e, em última instância, julgado. Esse deslocamento é decisivo quando se trata de interações com IAGs, pois a simulação de empatia e intenção por parte do agente sintético opera justamente nesse plano sensível-computacional.

Buscamos contribuir com esse debate em outro texto (Regis, 2022) ao propor que comunicação, cognição e afeto formam um sistema indissociável. Por essa abordagem, sentido e sentimento emergem simultaneamente na interação com interfaces, uma “cognição atuada” (Kastrup, 2007) que coloca o corpo como mediação e não apenas como suporte. Alinhado com essa perspectiva, Grusin (2015) propõe a ideia de uma mediação radical, evidenciando que os dispositivos não se limitam a transmitir mensagens: eles

reconfiguram percepções corporais e afetivas de modo estrutural, integrando-se às economias de dados descritas por Bucher (2018) e Noble (2018). Nesse circuito, emoções como confiança, estranhamento ou empatia são registradas, retroalimentadas e monetizadas pelas plataformas, convertendo-se em matéria-prima da datificação cultural observada por Couldry e Mejias (2019).

Esse enquadramento dialoga com o legado latino-americano dos estudos de recepção, sobretudo as noções de mediação e apropriação de Martín-Barbero (1997) e Orozco (2004). Ao reconhecer que a subjetividade se constrói em regimes sensório-cognitivos híbridos, atualizamos essas contribuições para o contexto dos agentes sintéticos, mostrando que confiar (ou desconfiar?) de uma resposta algorítmica é, antes de tudo, um ato sensível. Assim, a interação com IAG não pode ser entendida apenas pelo que os sujeitos dizem depois, mas pelo que seus corpos sentem enquanto o diálogo acontece. Este quadro conceitual sustenta o modelo de recepção algorítmica centrado nos afetos proposto aqui e justifica a combinação de registro multimodal e netnografia, já que métodos estritamente discursivos não capturam a complexidade emotiva desse encontro humano-máquina.

Referências

- BUCHER, Taina. **If... Then: Algorithmic Power and Politics**. Oxford University Press, 2018.
- COULDRY, Nick.; MEJIAS, Ulisses. **The Costs of Connection**. Stanford University Press, 2019.
- EVANGELISTA, Raquel. *Estudos de recepção na era da dataficação: início de uma discussão sobre novas propostas teórico metodológicas*. In: **COMPÓS**. 2025. Disponível em <https://publicacoes.softaliza.com.br/compos2025/article/view/11455>. Acesso em 12 Jun. 2025.
- GILLESPIE, Tarleton. The politics of ‘platforms’. **New Media & Society**, 12(3), 347-364. <https://doi.org/10.1177/1461444809342738>
- GRUSIN, Richard. Radical Mediation. **Critical Inquiry**, v. 42, n. 1, p. 124-148, 2015. DOI: <<https://doi.org/10.1086/682998>>.
- KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MASSUMI, Brian. **Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation**. Duke University Press, 2002.
- MASSUMI, Brian. The Autonomy of Affect. **Cultural Critique**, no. 31, 83–109, 1995. DOI: <https://doi.org/10.2307/1354446>

NOBLE, Safiya. **Algorithms of Oppression**. New York: New York University Press, 2018.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Recepção Midiática e Práticas Socioculturais**. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

REGIS, Fátima. **Cognição e afeto na comunicação: conectando corpo, mente, meio e tecnologia**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The Platform Society**. Oxford University Press, 2018.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Faesa – Vitória – ES
De 11 a 16/08/2025 (etapa remota) e 01 a 05/09/2025 (etapa presencial)
